

ERGATIVIDADE E FUNCIONAMENTO DOS VERBOS EM BAKAIRI (KARIB)

ERGATIVITY AND THE FUNCTION OF VERBS IN BAKAIRI (KARIB)

Tania Conceição Clemente de Souza*

Doutora em Linguística/Universidade Estadual de Campinas

Professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro

E-mail: taniacclemente@gmail.com

Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

*Endereço: Tania Conceição Clemente de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Campus Universitário, Ilha do Fundão, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, CEP: 22210-030.

Editora-chefe: Dra. Marlene Araújo de Carvalho/Faculdade Santo Agostinho

Artigo recebido em 21/02/2014. Última versão recebida em 10/03/2014. Aprovado em 11/03/2014.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pela Editora-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

RESUMO

Trabalhando com o Bakairi desde 1984, venho chamando a atenção para a dificuldade em sistematizar a ocorrência dos verbos em função de seus paradigmas. As marcas do aspecto perfectivo - -tai ~ -dai e -aki ~ -agi - selecionam todo um conjunto de afixos (marcas de tempo-aspecto e negação) arrolados em função dessa bipartição morfológica. Observamos também que os verbos em -aki/-agi, ao receberem a marca de um transitivizador, mudam de paradigma. Fato que não acontece com os verbos em -tai/-dai quando recebem a marca de um intransitivizador. Assim, pretendo verificar como e quais verbos em Bakairi poderiam ser distribuídos no viés inacusativo/inergativo (cf: Perlmutter, 1978 e Burzio, 1986). A divisão transitivo/intransitivo não se sustenta, e a distribuição dos verbos monargumentais em inacusativos/inergativos não se dá de forma automática. A sistematização desses verbos parece atrelada a diferentes fatores, que atendem a critérios de ordem morfológica e sintática, dadas restrições e implicações advindas da estrutura sintático-ergativa da língua. É o funcionamento dos verbos em Bakairi que, em longo alcance, vamos explorar.

Palavras-chave: Língua bakairi. Verbos inergativos. Verbos inacusativos.

ABSTRACT

Working with Bakairi since 1984, I have been calling attention to the difficulty in systematizing the occurrence of verbs according to their paradigms. The marks of the perfective aspect – tai ~ -dai and –aki ~ -agi - select a whole set of affixes (time, aspect and negation) enrolled in this morphological splitting function. We also note that the verbs in -aki/-agi, when receive a transitive mark, change the paradigm. This does not occur with verbs in -tai/-dai when they receive the mark of a intransitivizer. So, I want to see how and what verbs Bakairi could be distributed in unaccusative/unergative bias (see: Perlmutter, 1978 and Burzio, 1986). The division transitive/intransitive does not hold, and the distribution of monargumental verbs seems linked to different factors, that meet criteria of morphological and syntactic order, given constraints and implications resulting from language syntactic ergative structure. It is the function of verbs in Bakairi that in the long range, we will explore.

Keywords: Bakairi language. Unergative verbs. Unaccusative verbs.

1 INTRODUÇÃO

A língua Bakairí, filiada ao tronco Karib Sul, é falada por um grupo aproximado de 1000 indivíduos, assentados em terras Bakairi que se localizam no estado do Mato Grosso (Brasil Central). Nossa análise com a língua Bakairi vem se sedimentando num corpus significativo resultante de sete pesquisas de campo, realizadas no período de 1984 a 1992, e de uma pesquisa mais recente, realizada em março de 2013. A análise desse material tem sido divulgada em vários trabalhos que abrangem desde o enfoque da fonologia ao enfoque do discurso.

Em muitos desses trabalhos, temos arrolado fatos de ordem morfológica e sintática em favor de um padrão de ergatividade sintática expressa nas marcas de pessoa, que trabalham em função do eixo transitividade/intransitividade, nas restrições aos processos de correferencialidade e nas construções de controle.

Outro aspecto que vem chamando minha atenção diz respeito à dificuldade em sistematizar os verbos em função de seus paradigmas. Em Bakairi, os verbos são distribuídos por dois paradigmas – verbos em *-tai* e em *-aki* (marcas do aspecto perfectivo), os quais selecionam subconjuntos de afixos (marcas de tempo-aspecto e negação) arrolados em função dessa bipartição morfológica. Os verbos em *-aki*, ao receberem a marca de um transitivizador, mudam de paradigma., passando a partilhar as marcas morfológicas dos verbos em *-tai*. Fato que não acontece com os verbos em *-tai* quando recebem a marca de um intransitivizador.

Von den Steinen (1892), por exemplo, se refere à descrição dos temas verbais *-taki* (> *-dai*) e *-raki* (> *-aki*) _ instituindo que à diferença destes corresponde uma diferença de sentido. Ao arrolar um grande número de verbos na língua, nega a possibilidade de os mesmos serem simplesmente distribuídos no eixo transitivo/intransitivo e observa “ser necessário precisar a diferença de sentido quando as raízes ocorrem em ambas as classes. Assim, tomando-se o *tema mão, verbo *-raki*, semake receber e o verbo *-taki* semaye roubar, comprova-se que este último deriva de uma extensão de sentido. Da mesma forma o verbo *-taki* intransitivo tsau levantar-se tem evidentemente a mesma raiz que o verbo *-raki* transitivo sauna erguer”. (Von den Steinen, 1894: 365 apud Souza, 1994: 137).

Pela avaliação de Von den Steinen, pode-se perceber que a derivação verbal em Bakairi se estende em dois níveis distintos: no par semake ‘receber’ e semaye ‘roubar’ os verbos são ambos transitivos oriundos da raiz *-ema* ‘mão’. Aqui a mudança é restrita à diferença de sentido, sem injunção na sintaxe do verbo. Já para o outro par - tsau levantar-se

(intransitivo) e sauna erguer (transitivo) “– verifica-se uma mudança na diátese verbal, mas o sentido da raiz –au- é o mesmo em ambas as formas.” (cf: Souza, 1994). Von den Steinen não conseguiu identificar que em ‘sauna’, a raiz – au- é acrescida do transitivizador –na, razão para mudança de paradigma.

Capistrano de Abreu (1895) discorda de Von den Steinen e afirma que os dois temas recobrem a distribuição transitivo/intransitivo e sustenta sua afirmativa a partir da ilustração de apenas dois verbos nos quais, por um acaso, a diferença de tema corresponderia à diferença de transitividade.

Assim, pretendo verificar se essa diferença de paradigmas pode ser, em Bakairi, distribuída no viés inacusativo/inergativo (cf: Perlmutter, 1978 e Burzio, 1986) e levantar um conjunto de diagnósticos que comprovem a subdivisão dos verbos intransitivos. A divisão transitivo/intransitivo não se sustenta, e a distribuição dos verbos monargumentais em inacusativos/inergativos não se dá de forma automática. A sistematização desses verbos parece atrelada a diferentes fatores, que atendem a critérios de ordem morfológica e sintática, dadas restrições e implicações advindas da estrutura sintático-ergativa da língua. É o funcionamento dos verbos em Bakairi que, em longo alcance, vamos explorar.

O trabalho atual conjuga colocações divulgadas em dois anteriores (Souza, 2012a e 2012b), objetos de duas comunicações em Congressos. Dado o limite de tempo desse tipo de evento, não foram abordados todos os aspectos para descrever o funcionamento dos verbos em Bakairi como um todo. Nosso objetivo, então, é, além de retomar as conclusões oferecidas nesses trabalhos, abranger a descrição dos verbos em Bakairi, não ficando esta restrita, apenas, aos verbos inacusativos e inergativos.

2 ASPECTOS DA ERGATIVIDADE

A ergatividade em Bakairi não se expressa em marcas nominais de caso. Dado recorrente em nossa análise, está, assim, o argumento em favor de um funcionamento morfossintático que se institui em função de um padrão de ergatividade estrutural, e não apenas morfológica.

Ao não se lidar com uma diferença de marcas de caso no nome – o caso ergativo e o caso absolutivo -, outras marcas concorrem para a expressão da ergatividade, tais como o sistema de referência de pessoa que se distribui em função do eixo transitividade/intransitividade, evidência primeira de um funcionamento ergativo. Nossos argumentos em favor da ergatividade, porém, não se limitam e descrever a distribuição das

marcas de pessoa; nem, tampouco, nos contentamos em falar da ergatividade a partir de uma meia dúzia de frases absolutas (ou independentes), frases que, no caso, não espelham a complexidade da correferencialidade, da vinculação, do controle, etc.

Em nossos trabalhos, temos sustentado que o complexo sistema de marcas de pessoa tem sua distribuição em função do eixo transitividade/intransitividade. No que se refere ao uso dessas marcas, observa-se que o prefixo correspondente ao objeto é idêntico à marca do sujeito dos verbos intransitivos. Por outro lado, nos verbos transitivos, dependendo do aspecto verbal, pode-se registrar ou somente a marca do objeto, ou ambas as marcas - a do objeto e a do sujeito do verbo transitivo. Pode ocorrer, ainda, tanto com verbos transitivos quanto com verbos intransitivos a ausência de ambas as marcas em construções impessoalizadas e generalizadas (SOUZA, 1994 e outros). Além de a distribuição das marcas de caso no verbo que, obrigatoriamente, apontam o caso absolutivo como default, se constituir como evidência a esta previsão, as restrições à correferencialidade abrangem toda a classe de verbos unitransitivos.

O caso absolutivo por ser default é sempre assinalado na língua, independente das marcas de tempo-aspecto que selecionam marcas dos três sistemas de marcação de pessoa disponíveis na língua. Ao contrário, o caso ergativo só é marcado em construções complexas e com aspecto imperfectivo (SOUZA, 1993, 1994, 2006 e outros). Esses fatos decorrem das restrições à correferencialidade em Bakairi, que podem ser assim generalizadas: dois argumentos de natureza sintática diferente não se correferenciam livremente na língua em frases complexas. Logo, há restrições na correferencialidade entre o sujeito transitivo com o sujeito de verbos intransitivos e com o objeto direto. Isso expressa a natureza sintática distinta entre o sujeito de verbo transitivo que se diferencia do sujeito do verbo intransitivo e do objeto direto.

Assim, por ser o Bakairi uma língua ergativa, sua estrutura sintática vai apontar diferenças de funcionamento nos verbos inacusativos e inergativos, se afastando, em termos configuracionais, da generalização de Burzio, particularizando, então, a subcategorização dos verbos unitransitivos em Bakairi, no que se refere à marcação de caso e à configuração que sustenta essa marcação, como será discutido ao longo desse artigo.

3 A HIPÓTESE

Perlmutter (1978) e Burzios (1986), dentre outros, alimentam a discussão sobre a bipartição dos verbos monoargumentais, aventando:

(1) A distinção dos verbos intransitivos em inergativos e inacusativos, tendo em comum entre estes o fato de requererem apenas um argumento que, sintaticamente, ocupa a posição de Spec de IP. (Perlmutter)

(2) A questão da inacusatividade gira em torno do fato de, se verbos atribuem caso acusativo a seus objetos, por que um DP dentro de um VP em construções não acusativas não tem caso acusativo? A saída para esse impasse estaria na argumentação de que “Todos e somente verbos que atribuem um θ -role a sujeito podem atribuir caso acusativo ao objeto”. (Búrzio)

Observa-se, ainda, que a subdivisão dos verbos monoargumentais é tematicamente motivada, visto que, em geral, o inergativo seleciona um agente e o inacusativo seleciona um tema/paciente. Entretanto, as duas subclasses de verbos ficam apagadas pelo fato de que, na maioria das vezes, o único argumento dos verbos inergativos e dos inacusativos ocupa a posição sintática de sujeito da sentença, i.e. Spec de IP, muito embora possam ser gerados em posições de base distintas.

Essas colocações abrangem, em geral, dados de línguas nominativo-acusativas, como o português. Nas línguas ergativas, como no caso do Bakairi, a estrutura sintática tem como previsão o sujeito intransitivo interno ao VP, preenchendo a mesma posição do objeto e, aí, recebendo o caso absolutivo. Nesse caso, não se prevê um argumento externo para os verbos inergativos: ambos os argumentos dos verbos inergativos e inacusativos seriam gerados dentro do VP, em posição pré-verbal; a mesma posição do objeto de verbos transitivos. A posição pré-verbal é, em Bakairi, uma estrutura canônica de atribuição do caso absolutivo. Mas haveria diferença em termos de papéis temáticos entre esses dois argumentos internos numa língua ergativa?

As estratégias para diferenciar esses dois verbos visam demonstrar a agentividade do sujeito inergativo face à característica de tema/paciente do sujeito inacusativo. No caso de uma língua ergativa, essas estratégias estariam para a diferenciação temática entre os dois argumentos internos, ambos marcados com o caso absolutivo, mas não preveriam diferença na seleção dos argumentos sintáticos. Dispomos de algumas evidências, em Bakairi, para sustentar tal diferença, como se verá a seguir.

4 MOVIMENTO PARA FOCO E PAPEIS TEMÁTICOS

Em Bakairi, há dois mecanismos básicos de focalização: uma marca morfológica de foco (-**erã**) e extração. Dependendo do tipo de cláusula (a ser discutido quando da análise dos

verbos moargumentais), os dois processos podem ocorrer. A extração reside no recurso da clivagem. A inversão da ordem dos constituintes, recurso eficaz em diversas línguas, não se realiza em Bakairi, já que na posição pré-verbal – SV e OV – se define o caso absoluto, não podendo, portanto, ser alterada¹. O movimento para foco, por sua vez, permite que o alinhamento dos constituintes se altere, mas a forma verbal também se altera. Exemplos² com verbos transitivos, como:

1. ugondo aroi n-emagaze-dai
homem arroz 3.absolutivo.-roubar-passado
'O homem roubou o arroz.'
2. ugondo aroi n-emagaze-**ne**
homem arroz 3^a.ab. roubar-**agente**
É o homem que rouba o arroz.
3. aroi-erã ugondo inh-emagaze- **tibe**³
arroz-foco homem 3^a.erg.3^a.ab-roubar-**passado**
'Foi o arroz que o homem roubou'.
4. Põrã-erã maria ãye-**tibe**
colar-foco maria fazer-**paciente**
'Foi o colar, que a Maria fez'
5. maria keãnkâ potxi x-ukaga-**ne**
passado pote objeto-quebrar-**agente**
'Foi a Maria que quebrou o pote'.

permitem inferir que, nos verbos biargumentais, a extração do agente acarreta a presença de **-ne** afixado à raiz verbal. Esta marca agrega, ainda, o traço de tempo verbal, no caso, presente. Quando da extração do objeto, é o formativo **-tibe** que é afixado, também agregando a marca de tempo verbal do passado. Esses dois formativos entram, também, na formação de substantivos como **tigasene** 'cantor', **egatune** 'contador de história', e de adjetivos, como **iladibe** 'molhado', **epaladibe** 'machucado.'

¹ As ordens VS e VO marcam as sentenças como perguntas. A ordem SOV se realiza quando S é preenchido por nomes ou elementos de referência que funcionam como os nomes. Com pronomes de 1^a. e 2^a. pessoa do singular, a ordem é OVS.

² Dados transcritos em ortografia Bakairi. As palavras em Bakairi são paroxítonas, exceto as terminadas em **-taj**, quando são oxítonas. O símbolo [r] corresponde a um flap nasal; o símbolo [â] corresponde ao schuá e [ɣ] representa a fricativa velar sonora. A vogal média posterior [o] é sempre aberta, e a vogal média anterior [e] é sempre fechada.

³ O símbolo [inh] corresponde à dupla concordância que, em Bakairi do século XIX, era expressa por duas marcas: i-marca de 3^a. pessoa ergativa e n-, marca de 3^a. pessoa absoolutiva. Devido a uma regra histórica de queda de nasal intervocálica, a nasalidade é, nesses casos, morfológica.

4.1 Funcionamento dos verbos monoargumentais em Bakairi

Se, de fato, em Bakairi, a extração de argumentos acaba por resultar numa configuração que explicita o papel temático do elemento extraído, a extração que venha se realizar com verbos monoargumentais pode contribuir para a distinção entre inacusativos e inergativos.

4.1.1 Movimento com verbos inacusativos

Com os verbos inacusativos, há dois fatos a serem destacados: a presença da marca de foco afixada ao item extraído e as marcas afixadas às raízes verbais. Os verbos inacusativos em Bakairi marcam o passado em **-aki**; quando da extração do sujeito interno ao VP (caso absolutivo) o formativo **-ne** ‘agente’ ocorre com sentenças enunciadas no presente e o formativo **-ibe** ‘paciente’ ocorre com sentenças enunciadas no passado. Fatos inferidos de exemplos como:

- 6a. yamundo n-øjake-**agi**
 menino 3^a.ab-vomitar-**passado**
 ‘O menino vomitou’
- 6b. ymaundo-erã òjake- **jn** [~ **-ne**]⁴
 menino-foco vomitar- **agente**
 ‘Foi o menino que vomitou.’ (hoje).
- 6c. yamundo-erã òjake **-ibe**
 Menino-foco vomitar **-paciente**
 ‘Foi o menino que vomitou.’ (ontem)
- 7a. yamundo n-irruge-**agi**
 menino 3^a.abs.cair-**passado**
 ‘O menino caiu’
- 7b. yamundo-erã se-wâgâ irruge- **jn** [~ **-ne**]
 árvore-cima cair-agente
 ‘Foi o menino que está caiu da árvore.’ (hoje).
- 7c. yamundo-erã se-wâgâ irruge- **-ibe**

⁴ A forma nasalizada [-ein] advém da queda do [n] intervocálico. Já mencionamos (cf: nota 4) que esta é uma regra histórica que atingiu várias palavras em Bakairi. Além de atingir as raízes de palavras com mais de duas sílabas, esta regra se reaplica no processo de sufixação, quando a consoante nasal ocorre entre duas vogais semelhantes, dando lugar ao ditongo nasal. A sílaba nasalizada, por sua vez, atrai para si o acento, ficando as palavras com terminação nasal oxítonas.

menino-foco árvore-cima cair **-paciente**
 ‘Foi o menino que caiu da árvore.’ (ontem)

Ainda, a partir desses exemplos, podemos observar que, embora os argumentos dos verbos inacusativos sejam afetados pela ação, quando da extração deste argumento, no tempo presente, este vem marcado com o mesmo formativo que assinala a extração do sujeito de verbo transitivo (caso ergativo), como aparece nos exemplos (2) a (5), acima. Entretanto, com frases no tempo passado recente, é a marca de paciente que se destaca.

4.1.2 Movimento com verbos inergativos

A primeira diferença entre inacusativos e inergativos é que estes se alinham pelo tema em **-tai**, como já demonstramos anteriormente (Souza, 2012a e 2012b). As marcas morfológicas de tempo, aspecto e negação, selecionadas por esse tema, se diferenciam das marcas dos temas em **-aki**, pela presença do segmento [t], oriundo da forma primitiva **-taki**, como registrada em Von den Steinen e Capristano de Abreu. Assim: **-ibe ~ t-ibe**, **-ile ~ -tile**, etc. Esses dois paradigmas têm também uma alternância interna a cada um, abrangendo, sempre, uma contraparte sonora, no que se refere, às consoantes (ex: **-aki ~ -agi**; **-tai ~ -dai**, etc) para dar conta do processo de harmonia consonantal que abrange toda a distribuição dos segmentos consonantais na língua (SOUZA, 1995). Vejamos os exemplos.

8a. evandro **n-egatu-dile**
 evandro 3^a.abs.correr-**passado**
 ‘Evandro correu.’

8b. evandro-erã **egatu-ne**
 evandro-foco correr-**agente**
 ‘Foi Evandro que correu.’ (hoje)

8c. evandro-erã **egatu-dile**
 evandro-foco correr-**passado**
 ‘Foi Evandro que correu’ (ontem)

9a. tania peto-iwâge-pa **n-egetu-dai**
 tania fogo-longe-neg. 3^a.abs.deitar-passado
 ‘Tania deitou perto do fogo.’

9b. tania-erã peto-iwâge-pa **egetu-ne**
 Tania-foco fogo-longe-neg. deitar-**agente**
 ‘Foi a Tania que deitou perto do fogo.’ (hoje)

9c. tania-erã peto-iwâge-pa egetu-**dile**
 tania fogo-longe-neg. deitar-passado
 'Foi a Tania que deitou perto do fogo.' (ontem)

Diferente dos verbos inacusativos, a análise dos exemplos com verbos inergativos evidencia para estes um comportamento diferenciado nos enunciados marcados com tempo. Com o passado imediato (hoje), os enunciados se igualam com a marca **-ne** 'agente', mas com o passado recente (ontem) estes se diferenciam: com os verbos inacusativos, o formativo **-tibe**, marca de paciente se junta à raiz verbal; com os verbos inergativos, no entanto, o formativo **-tile** é que é selecionado para marcar a extração. O formativo **-tile** vem sendo analisado dentro do rol das marcas de tempo/aspecto imperfectivas, já que estas não são lexicalmente marcadas com tempo. No caso do formativo em jogo, este, dependendo, do contexto, também pode ser traduzido pelo aspecto contínuo e, em textos, aparece com frequência nos processos de correferencialidade e controle. Aliás, as marcas verbais perfectivas de tempo nunca aparecem em enunciados complexos como os textos. Um outro comportamento relativo à forma **-tile**, é o fato de não selecionar marca de pessoa/caso absolutivo com verbos intransitivos em processos de correferencialidade com verbos transitivos.

As conclusões parciais sobre os verbos monoargumentais em Bakairi elencadas até aqui apontam que, de fato, existe uma partição morfológica entre esses verbos, no que se refere às frases com foco. Os verbos inacusativos em frases no tempo passado recente, assinalam a extração do argumento com a marca de paciente, confirmando a afetação, entretanto, no passado imediato (hoje), não há distinção no sufixo verbal. Logo, uma característica marcante dos verbos inergativos é não poder receber, por afixação no verbo, a marca de paciente **-(t)ibe**.

4.2 Verbos monoargumentais e expansão de diátese

O ponto de partida sobre a distinção dos verbos em Bakairi em dois temas **-aki** e **-tai** se deu com base na hipótese sobre a subdivisão dos verbos monoargumentais (SOUZA, 2012a e 2012b), e vimos, até então, que esta subdivisão se explica, com exceção do verbo 'chegar' (exemplo 25), pela distribuição dos verbos por esses temas, como no elenco abaixo:

Inacusativos – tema **-aki**

10. Yamundo nekoze**agi** 'O menino desmaiou'

11. Xixi nãepanige**agi** kawâgâ 'O sol apareceu no céu'

12. Oroji nakoze**agi** ine**pa** ‘O caju amadureceu rápido’
13. Yamundo nirruge**agi** ‘O menino caiu’
14. Paru nabe**aki** ‘O rio secou’
15. Yamundo negase**agi** kopailâgâ ‘O menino nasceu ontem’
16. Maria nige**agi** ‘Maria morreu’
17. Patricia nõjake**agi**. ‘Patrícia vomitou.’

Inergativos – tema –tai

18. Tania nekada**idai** peto iwage ‘Tania sentou perto do fogo’
19. Tania negetuda**idai** peto iwage ‘Tania deitou perto do fogo’
20. Yamundo negogiguda**idai** ‘O menino espirrou’
21. Yamundo negatuda**idai** ‘O menino correu’
22. João nãit**ai** kadõ i**bera** ‘João dançou bacururu hoje’
23. Konopio nawguta**idai** ‘O passarinho voou’
24. Yamundo ine**pa** naut**ai**. ‘O menino levantou rápido.’
- *25. João nãet**ai** ‘João chegou’

A bipartição dos verbos em Bakairi, porém, também se estende aos verbos transitivos, que se alinham pelos dois temas sob discussão. Logo, a descrição do funcionamento dos verbos como um todo não se esgota com a solução encontrada para os verbos monoargumentais. Por outro lado, retomando os dois primeiros estudiosos do Bakairi – Von den Steinen e Capristano de Abreu, podemos recuperar as duas soluções propostas por ambos: a diferença de sentido atrelada à diferença de paradigmas e a diferença de paradigmas definida em função da diátese verbal transitivo/itranstivo. A análise dos verbos em Bakairi como um todo pode vir a demonstrar que as duas posições desses estudiosos parecem válidas. Para sustentar tal afirmativa, partimos da proposição, já referendada em nossos trabalhos, de que os argumentos que, de fato, se definem em termos estruturais são os argumentos internos – sujeito de verbo intransitivo e o objeto direto -, quando são definidos internos ao sintagma verbal, ou seja como projeção de V. E é nesta posição que recebem ambos o caso absolutivo, uma das evidências de um funcionamento sintático da ergatividade. Mais adiante estenderemos essa discussão.

Como é expandida a diátese verbal em Bakairi? Pela colocação dessa questão, aventamos, de imediato, que a intransitividade é um processo primitivo, como já se discute no bojo da teoria gerativa⁵. Partimos, então, da expansão dos verbos monoargumentais.

4.2.1 Verbos inacusativos e expansão de diátese

A hipótese da inacusatividade advém do fato de o único argumento do verbo ser uma projeção deste, ou seja de V, mas, apesar dessa condição, não receber aí o caso acusativo. Em

⁵ Mais adiante retomaremos Chomsky, 1995 e outros para sustentar melhor a afirmativa de que a transitividade é uma questão de derivação.

línguas ergativas, como o Bakairi, esta projeção atribui o caso absolutivo ao argumento interno do verbo, fato que não só iguala o sujeito de verbo intransitivo ao objeto direto, como também não distingue em termos configuracionais os inacusativos dos inergativos. O traço de inacusatividade se reforça com os verbos em Bakairi, quando se constata que os inacusativos, a princípio, não podem ser transitivizados, a não ser que, com a afixação de um transitivizador (**-nã ~ -ã**), o verbo mude de paradigma. Observem-se os exemplos:

26a. pepi n-eti-**agi**
 canoa 3^a.abs.afundar-passado
 ‘A canoa afundou.’

26b yamundo pepi n-eti-**ã-dai**
 menino canoa 3^a.abs.afundar-**transitivizador**-passado
 ‘O menino afundou a canoa.’

27a. âtâ n-abe-**aki**
 roupa 3^a.ab.secar-passado
 ‘A roupa secou.’

27b. maria âtâ n-abe-**ã-tai**
 maria roupa 3^a.abs.secar-**transitivizador**-passado
 ‘Maria secou a roupa.’

28a. paru n-abe-**aki**
 rio 3^a.abs.-secar-passado
 ‘O rio secou.’

28b. maria âmugâ n-abe-**ã-tai**.
 panela 3^a.abs.secar-**transitivizador**-passado
 ‘Maria secou a panela.’

Os tipos de exemplos acima se encaixam na discussão de Von den Steinen, quando ele percebe a distinção de paradigmas entre “o verbo –taki tsau levantar-se [que] tem evidentemente a mesma raiz que o verbo –raki transitivo sauna erguer”. O que de relevante se observa nos exemplos acima é que os mesmos podem ter uma contraparte transitiva⁶, como já atestava o estudioso alemão, mas há verbos inacusativos que não permitem a expansão da diátese como, por exemplo, em:

29a. patricia n-øjake-agi.
 3^a.abs.-vomitar-passado
 ‘Patrícia vomitou.’

⁶ Em muitas línguas Karib, como o Kuikuro, por exemplo, o processo é outro: o verbo transitivo é intransitivizado (ou reflexivizado, como se diz) para dar conta da expressão verbal intransitiva.

*29b. patrícia karne n-ōjake-agi.
 carne 3^a.-vomitar-passado
 ‘Patrícia vomitou a carne.’

A expressão que traduz a frase em português é:

29c. patrícia n-ōjake-agi karne-**ge**.
 3^a.-vomitar-passado carne-**instrumental**
 ‘Patrícia vomitou a carne.’ / ‘Patrícia vomitou por causa da carne.’

Se os argumentos dos verbos inacusativos são, em termos temáticos, argumentos afetados pela ação, ou seja, pacientes, eles não permitem a transitivização, a não ser pela expansão da diátese através de um transitivizador, o que permite licenciar um argumento externo, marcado pela agentividade. E aí se instituiria, de fato, a relação agente/paciente. No caso do exemplo 29b, agramatical, a transitivização não se dá, porque o processo que aí se institui não é o de licenciar um argumento-externo-agente e, sim, um argumento-tema [‘carne’], entidade deslocada por uma ação, resultando em mudança de estado. Ora, se o argumento dos verbos inacusativos são, em si, afetados pela ação, por isso, com status de paciente, o argumento tema também é afetado pela ação, havendo, assim, uma concorrência entre esses dois argumentos: ambos não podem ser gerados dentro do VP, como projeção de V, daí o licenciamento de um sintagma adjunto, marcado pelo caso instrumental [-ge]. Assim, a necessidade de um argumento-agente se dá numa relação de paridade com um paciente. O recurso do transitivizador, por sua vez, acarreta, não só o licenciamento de um argumento-externo, como faz com que se verifique a mudança de paradigma [-aki → -tai], com a mudança da diátese. Com a mudança de diátese, o argumento do verbo inacusativo deixa de ser afetado pela ação para ser o agente da ação.

A questão que envolve a expansão da diátese em Bakairi é bem mais complexa do que se viu até aqui.

4.2.1.1 Verbos inacusativos causativizados

Os exemplos acima [26a a 29c] funcionam como evidência sobre a impossibilidade de se transitivizar os verbos inacusativos, tema em -aki. Entretanto, estes mesmos verbos ocorrem em construções com transitivizador, desde que este formativo concorra com um causativizador. Não é raro, em muitas análises, se aventar que o causativizador, por si só,

transitiviza o verbo. Em Bakairi, esses dois formativos não se confundem, tendo cada um uma função própria, como se evidencia no exemplo a seguir:

30a. potxi n-irruge-**agi**
 pote 3^a.abs-cair-**passado**
 ‘O pote caiu’

30b. yamundo potxi n-irruge-**ã-nerru-agi**
 menino pote 3^a.abs.-cair-**transt.causat.passado**
 ‘O menino derrubou o pote’. / ‘O menino fez o pote cair.’

Nesses dois exemplos, observa-se que a afixação de dois formativos à raiz de um verbo inacusativo não só é permitida, como também o verbo não muda de tema, como acontece com a presença somente do transitivizador. Em termos teóricos, podemos analisar ‘nerru’ como um causativo lexical, como proposto em Harley (2006), que se comporta como uma só palavra sintática, semântica e morfofonologicamente: um só verbo, cabeça de um só VP. Sintaticamente, potxi ‘pote’ desempenha, no exemplo acima, dois papéis: tema de ‘fazer’ e ‘paciente’ de cair, ambos marcados, no verbo, com o caso absoluto [**n-**]. Assim, a causativização de verbos inacusativos corresponde a dois eventos conjugados numa só cláusula, essa conjunção, porém, se dá a partir da coocorrência dos dois formativos em causa: o transitivizador, tendo como função licenciar um argumento externo (causador), ‘o menino’, e o causativizador, com a função de atribuir o papel de tema (causado) a ‘pote’. Segundo Harley (idem), construções mono-oracionais, além de serem uma palavra morfofonológica, como cláusula produtiva, esta está claramente no domínio de marcação de caso, licenciando somente um argumento marcado como nominativo/absolutivo.

Além dos inacusativos, há verbos transitivos pertencentes ao tema –aki. A maioria dos verbos transitivos se alinha pelo tema –tai, tanto assim, que a presença do transitivizador implica a mudança de paradigma, mas há transitivos em –aki. A existência desses verbos confirma, em parte, a colocação de Capistrano de Abreu, em poder alinhar os verbos pelo eixo transitivo/intransitivo. Os verbos transitivos em –aki são aqueles que podem ser unitransivizados em determinadas construções, como aquelas que, implicitamente, correspondem ao processo de reflexivização. Nesse caso, entra em jogo o morfema –at- [-ad-, -as-; az; ax; aj], que se insere depois da marca pessoa e antes da raiz verbal. Tal morfema é tratado por estudiosos de línguas Karib como um intransitivizador ordinário, mas, dado o seu funcionamento em Bakairi – ocorrendo em frases complexas preso a raízes **intransitivas**, e não apenas a raízes transitivas -, venho analisando o mesmo como um inversor de diátese. A

presença desse inversor dá margem à correferencialidade de argumentos sintaticamente diferentes, como o sujeito de verbo transitivo com o sujeito de verbo intransitivo:

30c. evandro forro t-utu-ze t-**ad**-âe-dïle
 evandro forró agente-saber-presente agente-**inversor**-dançar-aspecto
 ‘Evandro sabe dançar forró.’

4.2.1.2 Verbos transitivos em –aki e processos de intransitivização

Embora em número reduzido, os verbos transitivos também podem partilhar o tema –aki, como o exemplifica o elenco abaixo:

31 yamundo megu nhõbi n-epi-**ge**-agi
 menino macaco rabo 3^a.abs-?-**verbalizador**-passado
 ‘O menino puxou o rabo do macaco.’

32 ugondo kabida n-urrudu-**ge**-agi
 homem arara 3^a.abs-pena-**verbalizador**-passado
 ‘O homem arrancou a pena da arara.’

33 ugondo âedâ n-au-**ge**-aki
 homem rede 3^a.abs-?-**verbalizador**-passado
 ‘O homem rasgou a rede.’

34 ugondo aroi n-ema-**ke**-agi
 homem arroz 3^a.abs-mão-**verbalizador**-passado
 ‘O homem ganhou arroz.’

35 ugondo aroi n-ema-**ge**-aki
 homem arroz 3^a.abs-mão-**verbalizador**-passado
 ‘O homem roubou o arroz.’

36 ugondo ãnji n-eki-**ge**-aki
 homem milho 3^a.abs-grão-**verbalizador**-passado
 ‘O homem debulhou o milho.’

Os exemplos 31 a 36 acima ilustram verbos transitivos em –aki derivados a partir do verbalizador **-ke-** ~ **-ge-**. Este morfema faz derivar verbos a partir de nomes, atribuindo aos verbos derivados dois sentidos: um sentido marcado pelo traço “negativo” [exemplos 31, 32, 33, 35 e 36], quando **-ge-** é afixado, e um sentido menos “negativo”, como no exemplo 34, derivado pela afixação de **-ke-**. Já mencionamos que, em Bakairi, há um processo de harmonia consonantal que abrange todo o sistema fonológico na língua, e que entra na composição da palavra como um todo. Esse fenômeno, além de complexo, faz com que quase

não existam pares mínimos na língua, já que a ocorrência dos segmentos surdos e sonoros se dá em função do jogo da harmonia⁷. Quando nos deparamos com os poucos pares mínimos, estes são resultantes do jogo reverso da distribuição dos segmentos surdos e sonoros, formando palavras dentro de um mesmo campo semântico, como acontece nos exemplos 34 e 35: *nemakeagi* ‘ganhou’ X *nemageaki*. Esse é um processo antigo na língua e bastante produtivo, e corresponde ao que Von den Steinen assinalou: “com o *tema mão, verbo –*raki*, semake receber e o verbo –*taki* semaye roubar, comprova-se que este último deriva de uma extensão de sentido”. O que de interessante aí se observa é que o jogo de vozeamento já se constituía como recurso na derivação lexical, o processo de harmonia, porém, vai ser instituído mais tarde. Esse alcance do processo da harmonia consonantal na formação de palavras vai, por exemplo, contribuir para alguns casos de reflexivização, como exploraremos a seguir. Antes de prosseguirmos, porém, válido é observar que há outros verbos transitivos em -aki, além dos derivados por verbalizadores, no caso, aqueles, possivelmente, previstos no léxico.

4.2.2 Processos de reflexivização

Há dois mecanismos, em Bakairi, para se lidar com a diátese reflexiva. O primeiro desses mecanismos, e de maior ocorrência, é o recurso ao intransitivizador, ou inversor de diátese:

37 peto âmugâ n-ixigoge -agi
 panela 3^aabs.-derreter-passado
 ‘O fogo derreteu a panela.’

38 komiti n- **aj** -ixigoge -agi
 3^aabs.-**inversor**-derreter-passado
 ‘A cera derreteu.’

39 maria potxi n -ukaga - dai
 3^aabs.-quebrar-passado
 ‘Maria quebrou o pote.’

40 potxi n -**ad** -ukaga - dai
 3^aabs-**inversor**-quebrar
 ‘O pote quebrou.’

⁷ Por exemplo, no corpo da palavra não podem ocorrer, a partir da primeira consoante da raiz, duas sílabas contíguas começadas por consoantes marcadas com o mesmo traço. Exs: *konopio* ‘passarinho’; *tozekado* ‘banco’, em que se verifica a alternância na distribuição dos segmentos consonantais respectivamente: SUSOSU; SUSOSUSO.

- 41 maria yamundo n -enoku -dai
3^aob-enganar-passado
'Maria enganou o menino.'
- 42 maria n -as -enoku -dai
3^aabs-**inversor**-enganar-passado
'Maria se enganou.'
- 43 maria yamundo n- atí -agi
3^aabs.-machucar - passado
'Maria machucou o menino.'
- 44 maria n- **ad**- ati-agi uhuru-ge
3^aabs.**inversor**-machucar-pass. pé-inst.
'Maria se machucou no pé.'

Os exemplos acima (37 a 44) vêm demonstrar que o inversor de diátese se agrega tanto aos verbos de tema –aki e de tema –tai, não resultando em mudança de paradigma. Os exemplos 45 e 46, a seguir, ilustram o outro recurso de reflexivização menos recorrente na língua. Mais uma vez, a reversão na harmonia consonantal, resultando na reorganização do vozeamento dos segmentos, assoma como recurso no processo de derivação lexical:

- 45 maria t-âma-ri n-igoke-agi
próprio-mão-posse 3^a.abs.-lavar-passado
'Maria lavou as mãos.'
- 46 maria n -ikoge -agi
3^asu-lavar-passado
'Maria se lavou.'

Nesses dois últimos exemplos, não há necessidade de uma marca morfológica para expressar o processo, bastando a mudança na combinação dos segmentos surdos: nigokeagi → SOSUSO/ nikogeagi SUSOSO⁸. Fato que nos faz aventar que a reflexividade, em Bakairi, não é estritamente uma questão de se expressar que uma mesma ação reflete sobre quem pratica, fazendo com que dois papéis – agente e paciente – sejam desempenhados por um só argumento. Exemplos como os que envolvem seres inanimados, caso dos exemplos 38 – ‘O pote [se] quebrou.’ – e 39 – ‘A cera [se] derreteu.’ (e inúmeros outros semelhantes) acarretam a conclusão de que os chamados processos de reflexivização/detransitivização, em verdade, espelham uma forma de marcar a afecção, tornando os verbos unitransitivos. Resulta daí a

⁸ Conferir nota 7.

nossa posição de tratar em termos teóricos o chamado intransitivizador como inversor de diátese, cujas funções vão bem além dos processos até então explorados. Uma dessas funções, por exemplo, é expressar as frases que, em português, corresponderiam à voz passiva:

47 yamundo ugondo -ã n- **ad**- apiogu -agi
 menino homem-dativo 3^aabs.--**inversor**-bater-passado
 ‘O menino foi surrado pelo homem.’

48 potxi n- **ad** -ukaga -dai yamundo -ã
 3^aabs.--**inversor**-quebrar-passado
 ‘O pote foi quebrado pelo menino.’

Enfim, o que se procurou descrever até aqui foi parte da complexidade que envolve o funcionamento dos verbos em Bakairi. Tal complexidade não se encerra enquanto processos meramente morfológicos, mas sim, fica evidente que todos os aspectos em torno da diátese verbal reafirmam o funcionamento sintático da ergatividade que, no caso do Bakairi, não vem expressa por marcas de caso no nome, mas que se reflete na configuracionalidade que sustenta a estrutura argumentativa. Voltemos à questão de Búrzio, colocando em foco a questão de atribuição de caso e determinação de papéis.

4.3 Ergatividade e a hipótese inacusativa

“A questão da inacusatividade gira em torno do fato de, se verbos atribuem caso acusativo a seus objetos, por que um DP dentro de um VP em construções não acusativas não tem caso acusativo?” (BURZIO, *idem*)

Notando que verbos inacusativos não selecionam um argumento externo como papel, Burzio associa a propriedade de um verbo atribuir caso acusativo à sua propriedade de atribuir um papel de agente externo. Woolford (2003, dentre outros autores) propõe uma reformulação radical na generalização de Burzio. A partir da análise em base empírica de trabalhos de vários autores, surge o consenso de que o problema nada tem a ver com θ -role, nem com a possibilidade de o verbo licenciar o caso acusativo. A generalização atual busca explicitar que o argumento interno toma o caso nominativo quando não há sujeito (nominativo/absolutivo). Tal reformulação se baseia, sobretudo, na análise de línguas ergativas (confere MAHAJAN (2000), com a análise do Hindi), quando se constata que a presença de um sujeito/agente externo não é garantia para um objeto no caso acusativo, desde

que sujeitos ergativos agentivos podem ocorrer com objeto no caso nominativo (ou absoluto). Assim, o primeiro passo para reformular a generalização de Búrzio passa a ser:

New Descriptive Generalization (replacing Burzio's 1986):

The object gets nominative Case when there is no (nominative)

Woolford (idem) com base em contra-exemplos como

Raam-ne rotii khaayii thii. [Hindi]

Ram-ERG bread(fem)-NOM eat(perf,fem) be(past,fem)

'Ram had eaten bread.' (MAHAJAN, 1990:73)

argumenta que exemplos como esse são descritos sem problemas sob a nova generalização. As descrições que tentaram seguir a formulação original de Búrzio tiveram que lidar com um alto custo teórico para dar conta desse tipo de exemplos. Entretanto, a autora adverte sobre a possibilidade de, mesmo com essa nova generalização, de haver contraexemplos.

Como em Bakairi, o argumento interno engatilha a concordância verbal de pessoa, expressando o caso absoluto; tem-se aí mais um fato ao encontro das evidências a favor da reformulação da generalização de Burzio, citadas no parágrafo acima. Ou seja, o objeto toma o caso absoluto (ou nominativo) quando não há um sujeito marcado com caso nominativo, como nas línguas ergativas. Ainda sobre o funcionamento desse tipo de língua, tem-se o fato de que a presença de um termo sujeito/agente externo não é suficiente para atribuição de Caso acusativo, estando em jogo um objeto no Caso nominativo/absolutivo. Mas a questão de contraexemplos presentes em algumas línguas traz alguns ajustes à referida generalização.

Assim, Woolford, em vez de postular que “necessariamente as sentenças devem ter caso nominativo”, busca formular um princípio mais acurado empiricamente para bloquear a checagem do Caso acusativo. Entretanto, essa proposta encontra sérios obstáculos. Primeiro, por parecer impossível não se lidar com contraexemplos a esse princípio; segundo, não fica claro por que a gramática deveria restringir o licenciamento do Caso acusativo. Muitos fatores conduzem à assunção de que uma versão apropriada de que sentenças devem ter o caso nominativo deve ser formulada, por um lado, porque contraexemplos terão lugar, caso o princípio relevante se mantenha apenas quando não entrar em conflito com outros princípios

primordiais⁹; por outro lado, a questão em torno de ter a checagem do nominativo um status especial sobre a checagem do caso acusativo encontra uma resposta, se o princípio relevante seja o da marcação: a seleção do nominativo sobre o acusativo decorre simplesmente do fato de o nominativo ser um caso menos marcado do que o acusativo¹⁰.

Woolford arrola exemplos de várias línguas para ilustrar como funciona o jogo de checagem e o princípio de marcação. Um desses princípios (como ocorre em islandês) reflete o mesmo funcionamento da marcação em Bakairi: os objetos são marcados com o caso nominativo (ou absolutivo), quando o sujeito externo se define como caso lexical. Mais adiante retomarei o caso lexical em Bakairi. Por ora, queremos resumir a solução encontrada por Woolford. A generalização atual buscar explicitar que o argumento interno toma o caso nominativo, quando não há sujeito (nominativo).

Substituindo a generalização: *“Uma vez que os argumentos que impedem o Caso acusativo na generalização de Burzio, esbarram com o Caso nominativo, uma forma bem diferente de abordar o problema se configura: revertam-se as concepções sobre causa e efeito. No lugar da perspectiva original de que algum princípio bloqueia o licenciamento do Caso acusativo (e assim algum outro caso possa ocorrer no lugar deste), reverta-se isso de modo que o princípio relevante faça realmente com que o nominativo [ou absolutivo] apareça, tendo como consequência o fato de o Caso acusativo não poder aparecer.”* (Woolford, 2003:306).

Muitos são os teóricos que seguiram essa reformulação e, em relação a essas análises, estão algumas conclusões. Estabelece-se, assim, um princípio universal de que toda sentença tem que ter caso nominativo ou absolutivo, porque este deve ser, por princípio, o Caso marcado (embora sejam registrados poucos contraexemplos). Agregados ao Caso nominativo/absolutivo, giram outros princípios. Por exemplo, partir da concepção de que em construções inacusativas é necessário que haja sujeito. Na falta deste, caso dos inacusativos, o objeto torna-se o sujeito (ou por mudança nas relações gramaticais, ou por movimento na FL) e este, então, receberá o caso nominativo/absolutivo. A extensão desses princípios a construções com sujeitos dativos e ergativos depende do movimento de se estabelecer que objetos nominativos são sujeitos no nível de representação onde caso não é atribuído.

Várias outras abordagens evitam a previsão forte de que toda sentença precisa de nominativo. Destacamos, aqui, a proposta de Haider (1995) e referendada por Woolford

⁹ Como o Princípio de Economia (Chomsky, 1995) e as restrições de violação da Teoria de Otimalidade (Prince e Smolensky 1993, McCarthy e Prince 1993, 1999).

¹⁰ Casos que, aparentemente, violariam esse princípio resultam de fatores relacionados às restrições de localidade sobre Caso, que proíbem checagem do caso nominativo quando o domínio de checagem contém um DP mais próximo. (Cf: Woolford, 2003: p.4)

(idem). Ambas trabalham com uma regra de atribuição de caso de modo que se um traço/caso é checado estruturalmente numa sentença, o mesmo se realiza como nominativo/absolutivo. Ou seja, tomar o nominativo/absolutivo como prioritário é atender ao princípio de marcação: nominativo é, pelo menos, o único caso marcado.

Dado o padrão sintático do Bakairi – onde o caso absolutivo, não só é sempre marcado, como é nuclear para toda e qualquer projeção sintática na língua (como as restrições à correferencialidade, por exemplo) -, optamos pela solução de Haider e Woolford, porque esta permite sustentar teoricamente nossa análise, presente em trabalhos anteriores (cf: SOUZA 1994; 2006 e outros), de ser o caso absolutivo, em Bakairi, de natureza estrutural, enquanto o caso ergativo seria inerente (ou lexical), segundo a proposta de que o caso inerente está atrelado a algum mecanismo morfossintático para ter expressão na língua. (Conferir MARANTZ (1997), MCGININS (1998) e WOOLFORD (2006)). No caso do Bakairi, os verbos inergativos podem ser transitivizados, através de um morfema específico (-nã ~ -ã), para que o sujeito ergativo seja licenciado. Aliás, como já vimos, muitos dos verbos transitivos, em Bakairi, se dá pela passagem de verbos de tema em -aki para o tema em -daí, através de um transitivizador que licenciaria o sujeito agentivo/argumento externo. Tal previsão pode ser sustentada com a hipótese do verbo leve, quando se pode analisar a marca de transitivização como um predicado secundário e seria a cabeça de seu próprio vP, como propõe Chomsky (1995). Nesse caso, o sujeito ergativo ocuparia a posição de um SpecvP, a qual não comportaria nem o sujeito intransitivo, nem o objeto. Tal previsão se estende ao Bakairi, restando, portanto, às construções inacusativas e inergativas partilharem a mesma configuração: um sujeito interno ao VP para atender ao filtro de caso.

Vários autores vêm colocando em discussão, em âmbito sintático, a hipótese sobre a divisão dos verbos intransitivos em inergativos e inacusativos. Dentre estes, Wiltschko (2007) argumenta que, numa língua sintaticamente ergativa, essa distinção não se aplicaria. Em vários trabalhos realizados, venho, a partir da análise de diferentes construções gramaticais, afirmando que o Bakairi se enquadra no rol das línguas sintaticamente ergativas. É necessário ressaltar que sustentamos nossa análise em dados de base morfológica e sintática, uma vez que a natureza da ergatividade em Bakairi não se expressa em marcas nominais de caso.

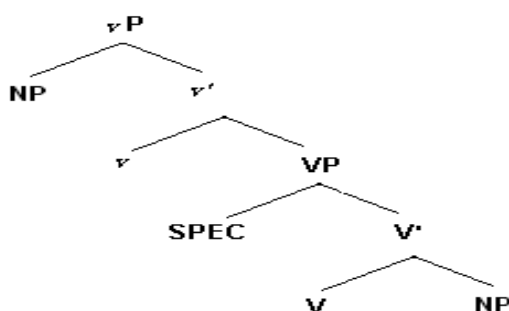
Os principais argumentos em prol da definição da ergatividade em Bakairi são, além da distribuição dos marcadores de pessoa, a expressão de caso no verbo (caso estrutural) e a natureza argumental da língua em termos de configuracionalidade. Sustentamos que marcas de pessoa no verbo não se comportam como afixos de flexão ordinária na língua. Vinculada

às propriedades configuracionais da sentença, a presença dessas marcas tem um papel a ser desempenhado nas relações estruturais de caso.

No âmbito sintático, registra-se uma clara ressonância desse sistema de marcadores de pessoa no verbo. A expressão da absolutividade em termos de configuracionalidade, além de reafirmar o caso absolutivo como sempre marcado, garante a integridade do VP, estrutura na qual os argumentos internos (comumente chamados de S e P) atendem ao princípio de atribuição de caso, satisfazendo o filtro morfológico. Quanto ao argumento externo (A), este ocuparia uma posição periférica, ficando o licenciamento do caso ergativo (caso inerente) na dependência de um verbo leve. A alternância que se verifica nos pares de verbos ergativos-causativos é outra fonte de evidência para a primazia do caso absolutivo na língua. Verbos inacusativos causativizados implicam a presença de um novo morfema ((n)ã) no verbo para a projeção de um argumento externo agente, como mostramos nos exemplos 26a a 29c.

Observa-se aí nesses exemplos (26a a 29c) que o padrão transitivo é que é derivado, o que nos permite ratificar o funcionamento sintático da língua, a partir do fato de que os constituintes que se definem em termos de estrutura argumental são os argumentos internos ao VP – sujeito de verbos intransitivos e o objeto. Eis aí uma evidência para se definir o caso absolutivo como estrutural, atribuído pelo verbo, sendo o caso ergativo de natureza lexical ou inerente. Exemplos como esses nos permitem, enfim, atestar para o Bakairi a presença de um núcleo funcional v-zinho (*light v*) relacionado à transitividade das sentenças da língua. A configuração estrutural estabelecida entre o argumento interno do verbo e o núcleo v-zinho é criada para a checagem de traços. Assim, as propriedades da transitividade do núcleo v-zinho explicam a proeminência sintática dos argumentos absolutivos em Bakairi.

A estrutura abaixo resume a configuracionalidade em Bakairi,



na qual é possível prever que o sujeito de verbo intransitivo é gerado na base interna ao VP, enquanto o sujeito de verbo transitivo seria gerado no Spec vP. Essa mesma previsão se

estende a todos os verbos monoargumentais, não havendo distinção sintática entre inergativos e inacusativos.

A indistinção entre inergativos e inacusativos é, para Wiltschko (2007), uma das principais evidências a favor da nomeação de uma língua como ergativa. Aliada a essa evidência, está, ainda, a obrigatoriedade de um marcador transitivo para licenciamento de um argumento externo (sujeito transitivo) dentro do vP. Já em Souza (1994), trabalhando com a versão de Princípios e Parâmetros, atestávamos, para o Bakairi, não só a indistinção entre os verbos monoargumentais, bem como a dificuldade de se lidar com a noção de sujeito postulada em P&P, no caso o sujeito do verbo transitivo (caso ergativo). Com a proposta do verbo leve (Larson, in CHOMSKY 1995), foi possível reafirmar a configuração do VP em função dos argumentos internos (sujeito intransitivo e objeto, caso absoolutivo) e sustentar o comportamento sintático uniforme dos verbos monoargumentais (SOUZA, 2006, dentre outros).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A investigação dos verbos monoargumentais em Bakairi, afinal, se mostra eficaz em função da sua natureza ergativa. A primazia da marcação do caso absoolutivo vem ao encontro da indistinção sintática entre inergativos e inacusativos, o que, para Wiltschko (2007), é uma das principais evidências a favor da nomeação de uma língua como ergativa. Aliada a essa evidência, estão outras, dentre as quais, se destaca a obrigatoriedade de um marcador transitivo para licenciamento de um argumento externo (sujeito transitivo) dentro do vP. Fatos previstos para o Bakairi.

Por fim, o fato de os verbos transitivos com tema em –dai serem aqueles que espelham um padrão derivado que, nos termos de Chomsky (idem), preenchem a cabeça de um predicado secundário (vP), faz com que se reafirme o caráter de agentividade delegado ao argumento externo, sendo, então, pertinente os verbos inergativos compartilharem desse tema, como a possibilidade de estes verbos serem causativizados, ao contrário dos inergativos. Essa conclusão, porém, não esgota a discussão em torno da divisão dos verbos em Bakairi por esses dois temas (-aki e -tai), uma vez que os verbos transitivos podem pertencer a esses dois temas. Logo, a existência desses dois temas não só não recobrem a divisão dos verbos em transitivos e intransitivos (como já afirmava Von den Steinen), como também não trabalham exclusivamente em função da distinção entre inergativos e inacusativos. A investigação detalhada da expansão da grade temáticas dos verbos em Bakairi, como a reflexivização, ou

intransitivização, operada em construções de voz passiva, ao lado da análise dos processos de correferencialidade entre argumentos de natureza sintática diferente – fenômeno, por ora, não abordado aqui – somaram a uma análise mais abrangente de aspectos relacionadas à natureza ergativa da língua.

REFERÊNCIAS

BURZIO, L. Intransitive Verbs and Auxiliaries. Italian Syntax A Government-Binding Approach, Dordrecht, Holland: D. Reidel Publishing Company, 1986.

CAPRISTANO DE ABREU, J.C. Os Bacaerys, Revista Brasileira, 1o. ano, Tomo III e IV, Rio de Janeiro, 1895.

CHOMSKY, N. On Wh-Movement. Formal Syntax. P.Coulicover, T.Wasow and A.Akmajian, eds., New York, Academic Press, 1977.

_____. A Minimalist Program For Linguistic Theory, Cambridge: The MIT Press, 1995
HARLEI, H. On the causative construction. (ms), Arizona, USA: University of Arizona, 2006.

MARANTZ, A. Relations and configurations in Georgian. (ms) Carolina, Chapel Hill: University of North, 1998.

McGINNIS, M. Case and locality in L-Syntax: Evidence from Georgian. *MITWPL* 32, 1998:139-158.

PERLMUTTER, D. Impersonal passives and Unaccusative Hypothesis. *Berkeley Linguistics Society* 4, 1978: 157-189.

SOUZA, T.C.C. de. Discurso e Oralidade – Um estudo em língua indígena. [Tese de Doutorado], Universidade Estadual de Campinas: 1994.

_____. O traço sonoro em Bakairi. In: WETZELS, L. Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1995.

_____. Alguns aspectos da ergatividade em Bakairi (Karib). *Estudos da Língua(gem)*, vol. 4, n.2, Vitória da Conquista: Edições UESB: 2006.

_____. Verbos inergativos e inacusativos em Bakairi e marcação de caso. *Comunicação no XXVII ENANPOLL*, Niterói, RJ: Universidade Federal Fluminense, 2012.

_____. Aspectos morfossintáticos dos verbos inacusativos e inergativos em Bakairi (Karib). *Comunicação no 54 International Congresso f Americanists*. Viena, Áustria, 2012
Von den Steinen, K. *Die Bakairi Sprache*. Leipzig, 1982.

WILTSCSKO, M. The syntax of transitivity and its effects. Evidence from Halkomelem Salish. In: *WCCFL 20 Proceedings*, ed. K. Megerdomian and L. A. Bar-el, Somerville, Ma: Cascadilla Press, 2000: 101-114.

WOOLFORD, E. Burzio's Generalization, Markedness, and Locality Constraints on Nominative Objects. In: E. Brandner and H. Zinsmeister eds. *New Perspectives on Case Theory*, Stanford CA: CSLI, 2003.

_____. Lexical Case, Inherent Case, and Argument Structure, *Linguistic Inquiry*, vol. 37.1, 2006: 111-130.